

UNIDADES DE SAÚDE FAMILIAR ATRAEM MÉDICOS VIMARANENSES

Novo modelo acaba com utentes sem médico de família.

ISABEL MACHADO

Os médicos de Guimarães estão a aderir em força às Unidade de Saúde Familiar (USF). No dia em que os deputados do PS, eleitos pelo círculo de Braga, dedicaram 24 horas à Saúde, abriram as portas mais quatro unidades, duas em Urgeses e duas nas Taipas, com a promessa de encurtar distâncias entre o médico de família e o utente.

O que diferencia o funcionamento das USF dos Centros de Saúde é o «trabalho em equipa». «A USF gerem-se por princípios próprios que nós temos de facto de cumprir: a cooperação e a solidariedade entre todos os colegas de equipa (médicos, enfermeiros, auxiliares e administrativos)», referiu Rosa Marques, directora do Centro de Saúde de Guimarães e médica da USF D. Afonso Henriques, instalada no rés-do-chão da extensão de Urgeses. «Vamos trabalhar em equipa. A acessibilidade (do utentes) vai ser muito melhorada. Quando não está um colega, nós fazemos um esquema de substituição», garantindo a resposta ao utente «que não se vê obrigado a recorrer ao hospital ou a outros serviços com consulta aberta», acrescentou a mesma responsável, respondendo às dúvidas dos deputados.

«Estamos à espera disto há dez anos. Não entendo porque é que os centros de saúde não podem funcionar em equipa», afirmou José Machado, médico da equipa da Vimaranes, a outra USF que funciona em Urgeses. «Não faz sentido. É uma estupidéz».

«Neste momento as coisas não estão como nós gostaríamos que estivessem. Há coisas que ainda faltam», lamentou, Rosa Marques no dia de arranque da unidade. «O que falta não vai perturbar o funcionamento e prestação dos cuidados que prestamos», apressou-se a acrescentar a mesma responsável. Teresa Castro, coordenadora da USF Vimaranes também estava à espera de equipamento no dia da abertura. «Quem trabalha nos cuidados primários tem grande experiência de



Deputados do PS visitaram Unidades de Saúde Familiar

multifuncionalidade», afirmou, dirigindo-se aos membros do Grupo de Missão, nomeado para acompanhar a instalação das USF. Por coincidência, também se encontravam em Urgeses, no dia em que os deputados realizaram a visita.

A USF D. Afonso Henriques arranca com sete médicos. Outros dois deverão juntar-se à equipa dentro de meses. A Vimaranes instalada no primeiro piso, do edifício da extensão de Urgeses, conta já com a equipa completa de oito médicos.

Com a abertura das duas USF, Urgeses deixa de ter utentes sem médico de família e ainda dispõe de capacidade para acolher utentes do Centro de Saúde da Amorosa, onde existem mais de 4 mil sem médico de família. «Com a abertura das duas USF nas Taipas deixaram de existir os mais de 3.300 utentes que antes não tinham médico de família», reforçou o deputado vimaranense, Miguel Larangeiro confiante na diminuição dos atendimentos, nas Urgências do hospital de Guimarães.

Cada médico terá uma lista de 1.750 utentes. A média anterior rondava os 1.500 utentes. Com a melhoria dos cuidados, a articulação dos diferentes serviços de saúde e o alargamento dos horários, as USF pretendem racionalizar o número de consultas.

As duas USF de Urgeses vão funcionar de segunda a sexta, das 8 às 20h00. A abertura, das 9 às 13 horas aos sábados, domingos e feriados já está aprovada mas ainda não foi contratualizada com a tutela. De resto, a consulta aberta só entrará em funcionamento, após a reorganização da consulta aberta da Amorosa e em articu-

lação com o CHAA. «Há muito a fazer na melhoria da articulação entre os centros de saúde e até os médicos de família e os profissionais que trabalham nessa área reconheceu Rosa Marques.

Os utentes inscritos em cada USF são incentivados a usarem telefone para marcar consultas e pedir informações.

Os serviços terão ainda a preocupação de conciliar o horário das consultas com os horários dos transportes públicos. «A falta de ligações condiciona utentes que são obrigados a sair de casa no início da manhã para ter uma consulta ao fim da manhã», lamentou Alberto Oliveira, coordenador da USF Afonso Henriques.

INSTABILIDADE PREOCUPA COORDENADORES

A instabilidade profissional do pessoal mais jovem foi a principal preocupação apontada pelos responsáveis. Com contratos de um ano, a continuidade da equipa está posta em causa, considerou Alberto Oliveira.

«Vamos criar rotinas, vamos formar pessoal e não temos garantia nenhuma. Se calhar, dentro de dois anos, quando tivermos tudo a trabalhar bem vamos ter de mudar de pessoal. Isto não faz sentido e tem de ser resolvido», vincou, na presença dos parlamentares.

Alberto Oliveira gostaria de ver o pessoal «entrar e sair por motivos de competência». As USF, que gozam apenas de autonomia técnica e funcional, permitem ao coordenador dispensar membros que não contribuem para atingir as metas traçadas, e que estão sujeitas a avaliação.

As USF oferecem em regra consultas de planeamento familiar, saúde materna, saúde infantil e do adolescente, saúde do idoso, situações de doença aguda, vigilância de doenças crónicas, cuidados domiciliários, actividades terapêuticas de enfermagem e renovação de medicação.

Esta semana abriu também a USF de Pevidém. Até ao fim do mês, está ainda anunciada a entrada em funcionamento da USF da Amorosa.

«NÃO É NA SAÚDE QUE SE PODEM FAZER BRAÇOS-DE-FERRO COM AS POPULAÇÕES»

Périplo de 24 horas revela problemas antigos.

ISABEL MACHADO

«Não é na saúde que se podem fazer braços-de-ferro com as populações», afirmou Ricardo Gonçalves, deputado do PS no final da iniciativa «24 horas com a Saúde», que levou os parlamentares socialistas eleitos pelo distrito de Braga a percorrer as principais unidades de saúde da região. «Agora, também tem que se tomar medidas», acrescentou o mesmo responsável que integra também a comissão parlamentar para a Saúde.

«Nos processos da saúde, nós temos que estar sempre abertos. É a área onde se tem de ter maior abertura. No fundo, é aquela área onde o humanismo faz mais falta. Portanto, se amanhã chegarmos à conclusão de que algum serviço encerrado ou mudado não correu, e as populações ficaram pior servidas em vez de ficar melhor a tutela terá de «voltar atrás». «É fundamental todos nós termos essa noção», sublinhou Ricardo Gonçalves, já na recta final da maratona dedicada à Saúde.

A iniciativa arrancou na passada sexta-feira, com uma reunião com os principais responsáveis das unidades de saúde da região no pavilhão multiusos e terminou na manhã seguinte, com uma conferência de imprensa após uma noite passada nos serviços de Urgência do Centro Hospitalar do Alto Ave (CHAA).

Na unidade hospitalar, que serve mais de 300 mil utentes, os deputados foram confrontados com problemas conhecidos: a elevada afluência às Urgências, com uma média de 300 consultas/dia; a longa espera para aceder a determinadas especialidades e a falta de «humanismo» nos serviços.

«Em 2006 foram realizadas 190 mil consultas externas, registaram-se 25 mil internamentos, com uma duração média de 5,6 dias, o que corresponde a uma taxa de ocupação de 70 por cento e 5,6 dias. No serviço de Urgência foram contabilizadas 125 mil consultas» resumiu Miguel Larangeiro.

«A nossa preocupação é, dentro de alguns meses, dentro de um ano, poder perceber se a constituição das Unidades de Saúde Familiar, a reorganização dos Centros de Saúde e a constituição dos agrupamentos dos Centros de Saúde criam factores positivos para diminuir o número de acessos às urgências no CHAA», sublinhou o deputado vimezanense.

Segundo o mesmo responsável, «a política orientada pelo Governo» visa «aproximar o utente do seu médico de família diminuindo o encaminhamento para as Urgências e assim deixar a emergência reais para hospitalar, resolvendo a montante outras questões que não devem chegar ao hospital».

«Há uma falta de médicos e de estabilidade na equipa das Urgências» continuou Larangeiro, sublinhando os efeitos da instabilidade nas fases de triagem, encaminhamento, avaliação e tratamen-



«A nossa preocupação é, dentro de alguns meses, dentro de um ano, poder perceber se a constituição das Unidades de Saúde Familiar, a reorganização dos Centros de Saúde e a constituição dos agrupamentos dos Centros de Saúde criam factores positivos para diminuir o número de acessos às urgências no CHAA»

to» dos doentes.

Depois de horas de permanência nos Serviços de Urgência os deputados constataram a necessidade de humanizar os serviços e «reforçar o processo de informação e acompanhamento», quer dos doentes, quer dos familiares.

No acompanhamento dos doentes que aguardam na sala de espera também poderia haver «uma evolução positiva», considerou o deputado vimezanense.

Mais difícil afigura-se a solução para as longas esperas por consultas de Urologia Oftalmologia e Psiquiatria.

«Há de facto problemas que estão detectados e que não são problemas exclusivos e que resultam de muitos anos de atraso da formação de médicos especialistas. A formação em áreas tão complexas como estas não é muito rápida»

Entretanto a aposta nas USF, nos cuidados continuados e as operações em ambulatório, uma área onde o hospital de Guimarães vai investir fortemente, poderá libertar um andar inteiro no edifício do hospital de Guimarães, libertando espaço «útil para reforçar a formação de especialistas», adiantou Ricardo Gonçalves, que defende o recrutamento de especialistas estrangeiros, enquanto os médicos portugueses não terminam as especialidades mais escassas. No passado o recrutamento de médicos de clínica geral, na vizinha Espanha, teve resultados positivos lembrou o parlamentar.

SALÁRIOS DIFERENTES CRIAM MAL-ESTAR ENTRE PROFISSIONAIS

Aos problemas antigos, junta-se uma nova dificuldade relacionada com a diferenciação salarial, no seio do CHAA. «As questões laborais são hoje também importantes no Hospital» admitiu Miguel Larangeiro, aludindo a um «processo de remuneração diferenciado nos hospitais, que terá a sua evolução no ano 2008», situação, de resto extensiva ao «corpo colectivo de trabalho na área da saúde».

No CHAA, «há pessoas que ainda têm vínculos ao Estado, outros que têm vínculo ao HEPE (Hospital Entidade Pública Empresarial)». A estes, junta-se «a gente que tem os tais 'contratos individuais de trabalho', alguns feitos com o Estado outros com o HEPE... e depois não há contratação colectiva para esses casos. Temos que resolver isso», acrescentou Ricardo Gonçalves, que acredita que a resolução do problema terá alvo de uma atenção maior no primeiro trimestre deste ano. «Todo este edifício, que está a ser construído, as experiências que estão no terreno, mostraram-nos o sucesso». No entanto, «o caminho que ainda está a ser seguido ... ainda tem muitas deficiências, muitos defeitos. Foi isso que constatámos, desde as Urgências, até à falta de especialistas», passando pela «falta profunda de articulação entre os centros de saúde e os hospitais», apesar dos «importantes investimentos em informática», concluiu o deputado.